

QUE ÁREAS DE PRODUÇÃO E DE DISTRIBUIÇÃO DE FÍBULAS DO TIPO TRANSMONTANO E DO TIPO MESETA NO NOSSO PAÍS? *

por

Salete da Ponte

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objectivo enumerar as questões que estes pequenos objectos de adorno pessoal colocam aos especialistas, quanto ao seu real valor arqueológico, e consequente evolução tipológica, num quadro geográfico bastante vasto e complexo, como o do Noroeste Peninsular.

Os numerosos objectos achados por anteriores gerações de escavadores não comportam os indicadores correspondentes ao contexto arqueológico, em que se inseriam. Esta lacuna obsta a uma rigorosa interpretação científica. No entanto, a divulgação geral deste reportório, constitui o indicador indispensável para a distinção e caracterização de novos critérios de linguagem: descritiva, cronológica, tipológica, tecnológica e sócio-cultural. Por outro lado, os relatórios recentes de escavadores, fornecem-nos achegas preciosas para o estudo destas espécies, não como meros exemplares materiais dissociados do seu habitat, mas imbricados a um mundo espacial restrito e/ou amplo.

2. TIPO TRANSMONTANO

2.1. Morfologia

Este modelo apresenta características estruturais distintas¹, das que figuram nos múltiplos tipos contemporâneos. O recorte técnico e decorativo do

* Comunicação não apresentada no Colóquio, mas anunciada no programa (dia 22), tendo o seu texto sido enviado posteriormente (N.E.).

¹ Cf. Ponte (Salete da), *Fíbulas de Sítios a Norte do Rio Douro*, «Centro de Estudos Humanísticos», Porto, 1984, p. 111-114(p. 144).

arco são os principais atributos do tipo transmontano, tornando-o num dos objectos de adorno pessoal mais característicos da «cultura material castreja do Noroeste»².

Há exemplares que, pela volumetria e decoração geométrica do arco³ denunciam um apuramento técnico e estilístico bem marcantes da cultura do Noroeste Peninsular.

2.2. Fabrico

O fabrico destas fíbulas constitui ainda uma questão em aberto para os investigadores. Não há dados suficientes para afirmarmos categoricamente, qual o processo de fabrico adoptado pela metalurgia local, enquanto não forem estudados diversos elementos paleometalúrgicos existentes nas reservas dos museus⁴. A detecção de moldes cerâmicos, de pedra e de metal podem constituir uma preciosa achega para o estudo das matrizes que foram usadas para o fabrico destas fíbulas.

Os únicos moldes peninsulares conhecidos provêm, respectivamente de Ullastret (Gerona)⁵, de Huesca e de Saragoça⁶. São de pedra arenisca e serviam, respectivamente para a fundição do arco-apêndice caudal e do fusilhão de aro. Para além disso, a futura análise metalográfica das fíbulas de tipo transmontano concorrerá para o estudo da sua estrutura metálica, da técnica de fabrico e do tipo ou tipos de produção. No entanto, a construção destas peças apontam para duas operações técnicas essenciais: uma compreendendo o fabrico de peças por fundição em moldes de areia ou bivalves de material refractário, ou pelo método da cera perdida; a outra, por meio dos processos de martelagem, de estiragem, de cinzelagem e de puncionagem do metal.

Os elementos estruturais de maior robustez e perfeição técnica, eram certamente obtidos por fundição em moldes⁷; o eixo, por sua vez, era feito a partir de um fio de metal forjado, que, depois de aquecido ao rubro era cortado

² Cf. Silva (Armando Coelho Ferreira da), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986, p. 186.

³ Cf. Ponte (S. da), *op. cit.* (v. nota 1), p. 130-131, nº 22-25; Cf. Ponte (Salette da), *Fíbulas de Vaiamonte (Monforte)*, «Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas», Salamanca, 1985, p. 137-158 (p. 149), Est. I, nº 15.

⁴ Cf. Silva (A.C.F.), *op. cit.*, (V. nota 2), p. 169 e p. 192.

⁵ Cf. Dalmau (Ana Maria Rauret), *La Metalurgia del Bronce en la Peninsula Ibérica durante la Edad del Hierro*, «Instituto de Arqueología y Prehistoria», Barcelona, 1976, p. 1-152 (p. 103-105), Est. XX.

⁶ Cf. Aragon (Isidro Aguilera), *Sobre dos Moldes para Fundir Agujas de Cabeza de Aro del Museo de Zaragoza*, «Boletín Museo de Zaragoza», Saragoça, 1986, nº 5, p. 143-155 (p. 144, fig. 1 e p. 146, fig 2).

⁷ O arco e o apêndice caudal, os botões terminais do eixo e o fusilhão de aro.

e afeiçãoado; a mola bilateral⁸, seguindo o mesmo processo metalúrgico do eixo, era, depois de cortada, sujeita a uma ligeira torsão para o enrolamento contínuo do fio, formando um número de espiras simétricas.

2.3. Cronologia

Este fabrico insere-se na vasta produção artística do Noroeste Peninsular entre os sécs. III a.C. e o I d.C.⁹, encontrando-se bem representado em Las Cogotas¹⁰, Monte Mozinho¹¹ e Conimbriga¹²; o seu largo horizonte cronológico revela que a estrutura e a função deste modelo, obedeceram a premissas lógicas e específicas, que consistiam na união perfeita de um tecido, por meio de fusilhão, que repousava no descanso. A mola bilateral, por sua vez, regulava o vaivém do fusilhão. Este novo processo técnico surge na Meseta Oriental nos finais do séc. V a.C., em fíbulas do Hallstatt Final¹³. Na Meseta Ocidental ocorrem no período post-hallstático nos inícios do séc. IV a.C., mormente em Numância¹⁴.

Em Portugal, mais propriamente no Noroeste do território, este processo técnico teria sido veiculado pelo vale do rio Ebro. Os subtipos e as diversas variantes do tipo transmontano são, por assim dizer, etapas evolutivas do esquema clássico que acabam por transformar lentamente o modelo inicial.

2.4. Contexto cultural

A prática da metalurgia nos povoados castrejos do Noroeste é atestada pela ocorrência de vários tipos de moldes¹⁵, desde o período final do Bronze Atlântico. Tal facto, leva-nos a supôr que a região do Noroeste Português detinha o monopólio de produção e distribuição do tipo transmontano, graças

⁸ Cf. Maire (Jean-Luc); *Essai sur la Metallurgie des Fibules Gauloises*, «Revue Archeologique de Picardie», nº 1, 1983, p. 162-164 (p. 163, nºs 2-3).

⁹ Cf. Ponte (S. da), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 114-115; Cf. Silva (A.C.F.), *op. cit.*, (V. nota 2), p. 189-190.

¹⁰ Cf. Moure Romanillo (J.A.) e Orteaga Mateos (L.), *Fíbulas con Esquema de La Tène procedentes de Paredes de Nava* (Palencia), «Numantia», 1981, p. 133-146 (p. 139).

¹¹ Cf. Almeida (Carlos Alberto B.), *Escavações no Monte Mozinho*, 2 (1975-1976), Penafiel, 1977, p. 16; Cf. Soeiro (Teresa), *Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega*, «Boletim Municipal de Cultura», 3ª série, 1, Penafiel, 1984, p. 201, Est. XCIV, 1.

¹² Cf. Ponte (S. da), *Les Fibules*, «Fouilles de Conimbriga», VII, Paris, 1979, p. 115.

¹³ Cf. Sanmartín (Angel Iniesta), *Las Fibulas de la Region de Murcia*, Murcia, 1983, p. 96-97; cf. Navarro (Rosario), *Las Fibulas en Cataluña* (Publicaciones Eventuales, nº 16), Barcelona, 1970, p. 75.

¹⁴ Cf. Sanmartín (A.I.), *op. cit.* (V. nota 13), p. 96.

¹⁵ Cf. Silva (A.C.F.), *op. cit.*, (V. nota 2), p. 165-166.

à abundância de escória e de peças inacabadas existentes nos povoados recentemente escavados; em abono desta opinião, está a detecção de elementos metalúrgicos provenientes de oficinas locais, existentes nas reservas do Museu Martins Sarmiento¹⁶. Por outro lado, estas fíbulas aparecem com abundância nos castros galaico-portugueses¹⁷, tornando-se a região entre os rios Douro e Tejo Sul, numa zona de influência dos centros produtores do Noroeste Português. Além disso, as relações comerciais e culturais existentes entre a zona nuclear Entre-Douro-Minho, e as áreas astur-galaica e leonesa contribuíram para a criação e desenvolvimento do modelo clássico¹⁸. Em suma, a existência de escória e de outros elementos relativos a oficinas locais, demonstram que esta actividade artesanal poderia ter duas vertentes: uma, a de abastecimento básico de objectos de adorno pessoal, de que a comunidade local necessitava; a outra, a de produção industrial para abastecimento do mercado interno e externo.

3. TIPO MESETA

3.1. Morfologia

O apêndice caudal é o elemento que melhor define este tipo. É robusto e figurativo, com uma decoração geométrica, incisa ou impressa¹⁹; forma com o arco um corpo maciço, encontrando-se no mesmo plano de projecção vertical; o pé converte-se num simples elemento de união do arco e do apêndice caudal; o descanso, então de feição triangular, evolui para uma robusta placa quadrangular, dobrada em U, ou meia cana fechada. As espiras da mola bilateral tornam-se mais volumosas e menos numerosas²⁰.

3.2. Fabrico

Estas fíbulas são certamente objectos fundidos em moldes²¹, que revelam um labor metalúrgico perfeito. O motivo geométrico era obtido a frio, por meio

¹⁶ Cf. *id. ibidem.*, p. 192.

¹⁷ Cf. Ponte (Salette da), *A Génese das Fíbulas do Noroeste Peninsular*, «Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular», vol. II, Barcelos, 1980, p. 111-119 (p. 115); Cf. Ponte (S. da), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 130-132, nºs 22-31; Cf. Silva (A.C.F.), *op. cit.*, (V. nota 2), p. 189-190. Est. CIV, nºs 7-13.

¹⁸ Cf. Ponte (S. da), *op. cit.*, (V. nota 17), p. 115.

¹⁹ Cf. Ponte (S. da), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 116.

²⁰ Cf. Schüle (W.), *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*, Berlim, 1969, p. 148-150.

²¹ Cf. Dalmau (A.M.), *op. cit.* (V. nota 5), p. 103-105; Cf. Nájera (M.S.Sanz), Llorens (S. Rovira) e Clemente (J. L. Fraile), *La Fibula del poblado de Valmaton*, «Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología», Madrid, nº 10, 1978, p. 25-30 (p. 26).

de diversas ferramentas: lima, raspador, punção, cinzel e troquel; umas, alisavam a superfície da peça (lima e raspador), enquanto que outras (punção), preparavam o esboço do desenho definitivo, para que aquele esboço fosse cinzelado e impresso por meio de cinzel e troquel.

O fabrico da mola e do eixo fazia-se por meio de um fio metálico forjado, enquanto que o fusilhão de aro era obtido pelo processo de fundição em moldes de areia ou bivalve.

3.3. Cronologia e contexto cultural

Este modelo é frequente no centro e Nordeste Peninsular, não ultrapassando a zona de influência a sul do Tejo²²; no território português, este modelo circunscreve-se à região transmontana. Este fabrico ocorre na Meseta Castelhana (antiga região Vaccea) no séc. IV a.C., atingindo o apogeu nos sécs. II — inícios do I a.C.²³.

Estes padrões geométricos provêm de escolas regionais de joalheria, centradas na Meseta Castelhana, que aglutinaram as culturas híbridas post-hallstáticas e que contribuíram para o desenvolvimento da joalheria de ouro e de prata, produzida no Noroeste Peninsular²⁴. Esta actividade acabou por influenciar a produção metalúrgica de objectos de adorno, em bronze.

4. PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

4.1. Observações

Ilustramos um mapa (Fig. 1) com a distribuição dos dois tipos no território português, omitindo conscientemente as eventuais zonas de produção e de influência daqueles modelos da 2.^a Idade do Ferro. As razões prendem-se necessariamente pela carência de dados arqueológicos e metalográficos. O estudo paleometalúrgico do acervo existente em museus, e dos elementos provenientes das actividades metalúrgicas recolhidas em escavações sistemáticas, fornecerão pistas seguras para o estabelecimento de oficinas de produção e para o conhecimento dos circuitos comerciais. Por outro lado, esta metodologia, não deverá subestimar uma regra tão comum no fabrico destes objectos de

²² Cf. Schüle (W.), *op. cit.* (V. nota 20), p. 148, fig. 59 (Schüle 4h); Cf. Ponte (S. da), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 116.

²³ Cf. Schüle (W.), *op. cit.*, (V. nota 20), p. 73-74.

²⁴ Cf. Savory (H.N.), *Espanha e Portugal* (trad.), «Historia Mundi», vol. 14, Lisboa, 1969, p. 254-256.

adorno — a sua própria refundição por motivos de amortização do metal²⁵.

No entanto, a abundância destes modelos em regiões bastante precisas, sugerem eventualmente duas zonas de produção: uma, correspondente ao tipo transmontano (região a norte do rio Douro); outra, ao tipo Meseta, que se circunscreveria à Meseta Castelhana.

As zonas de influência no território português, corresponderiam, respectivamente, às regiões entre os rios Douro e Tejo, e à região transmontana.

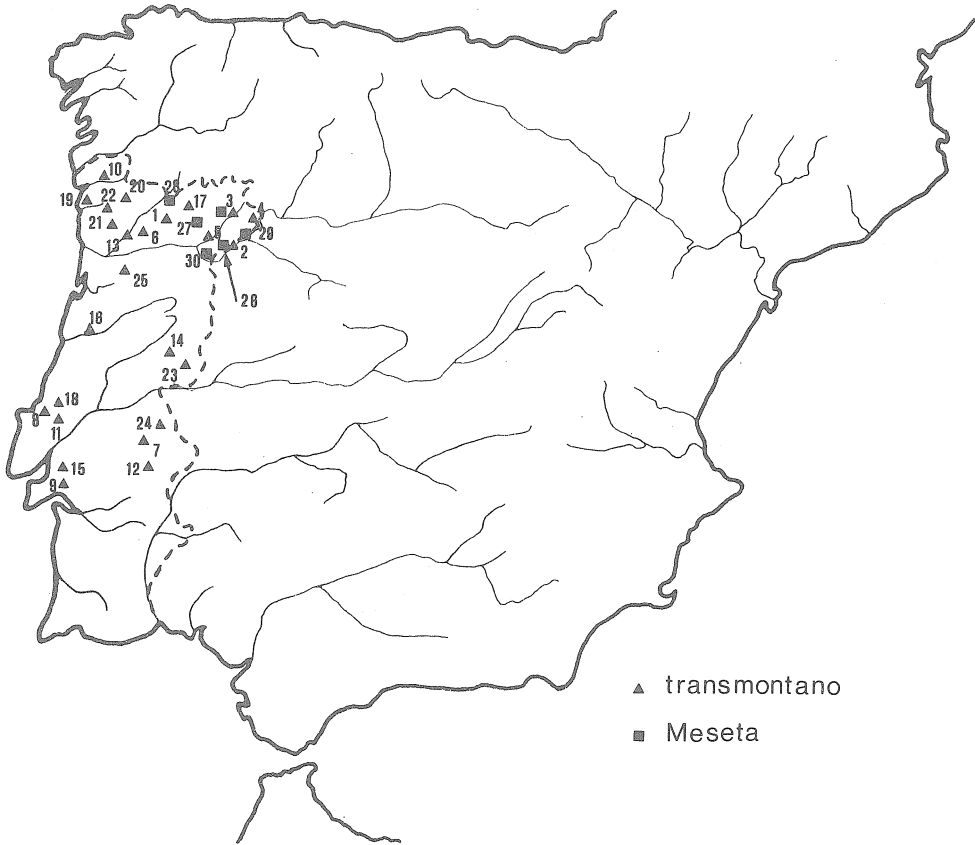
ÍNDICE GEOGRÁFICO E BIBLIOGRAFIA

- Cabeço de Vaiamonte (Monforte): Santos (Farinha dos), *Fíbulas Recolhidas no Cabeço de Vaiamonte*, «Anais», 2ª série, 22, 1973, p. 189-201, nº 126, 28-37, 40-67; Cf. Ponte (S. da), *Fíbulas de Vaiamonte* (Monforte), «Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas», Salamanca, 1985, p. 137-158 (p. 149-151), figs. 9-37.
- Castelo (Castelo Branco): Ponte (Salette da), *Nove fíbulas de Castelo Branco*, «Trebaruna», vol. II, Castelo Branco, 1986, p. 29-38 (p. 37), nº 3.
- Castelo da Lousa (Dist. Évora): 1 exemplar inédito pertencente à coleção do coronel Afonso do Paço (Cf. Ponte, 1980, *op. cit.* (V. nota 17), p. 118).
- Castro da Aldeia Nova (M. do Douro): Cf. Ponte (S. da), 1984, *op. cit.*, (V. nota 1), p. 132, fig. 35; Cf. Silva (A.C.F.), *op. cit.*, (V. nota 2), p. 190, Est. VII, nº 44.
- Castro de Argozelo (Vimioso): Cf. Fortes (J.), *As Fíbulas do Noroeste Peninsular*, «Portugália», 2, Lisboa, 1905-1908, p. 15-33 (p. 21 e 30, fig. 19); Cf. Lopo (Albino Pereira), *Museu Municipal de Bragança*, «O Archeologo Português», vol. V, Lisboa, 1900, p. 336-337, nº 2; Cf. Serpa Pinto (Ruy de), *As Fíbulas do Museu Regional de Bragança*, «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», Porto, 1931, V, p. 90-95; Cf. Höck (Martin) e Coelho (Luís), *Materiais Metálicos da Coleção Arqueológica do Museu de Abade de Baçal em Bragança*, «O Archeologo Português», série III, Vol. VI, Lisboa, 1972, p. 219-250, nº 4; Cf. Ponte (S. da), *op. cit.*, (V. nota 1), p. 130, fig. 22; Cf. Silva (A.C.F.), *op. cit.* (V. nota 2), p. 189, Est. VII, nº 38.
- Castro de Cendufe (Arcos de Valdevez): 1 exemplar inédito no M.N.A.E. com o nº de Inv. 11930C, referido por Ponte (S. da), 1980, *op. cit.*, (V. nota 17), p. 118; Cf. Silva (A.C.F.), *op. cit.*, (V. nota 2), p. 189, Est. VII, n 5.
- Castro da Cocolha (Vimioso): Cf. Fortes (J.), 1905-08, p. 20, fig. 22 (tipo transmontano) e p. 21-22, fig. 22 (tipo Meseta); Cf. Serpa Pinto, 1931, p. 94; Cf. Höck e Coelho, 1972, p. 225-226, nº 6 (tipo transmontano) e fot. 7 (tipo Meseta); Cf. Ponte (S. da), 1984, *op. cit.*, (V. nota 1), p. 132, fig. 36 (tipo Meseta); cf. Silva

²⁵ Cf. Silva (A.C.F.), *op. cit.* (V. nota 2), p. 168.

- (A.C.F.), 1986, *op. cit.*, (V. nota 2), p. 189-190.
- Castro da Estrada (M. de Cavaleiros): Cf. Ponte (S. da), 1984, *op. cit.*, (V. nota 1), p. 132, fig. 33; Cf. Silva (A.C.F.), *op. cit.*, (V. nota 2), p. 190, Est. VII, nº 37.
- Castro de Fiães (Vila da Feira): Cf. Silva (A.C.F.), *op. cit.*, (V. nota 2), p. 189, Est. VII, nº 46.
- Castro de Maximinos (Braga): Cf. Ponte (S. da), 1984, *op. cit.* (V. nota 1), p. 132, fig. 31; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op. cit.*, (V. nota 2), p. 189, Est. VII, nº 9 e Est. CIV, nº 11.
- Castro de Paradela (Bragança): 1 exemplar inédito existente no M.N.A.E.; Cf. Ponte (S. da), 1980, *op. cit.*, (V. nota 17), p. 118; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op. cit.*, (V. nota 2), p. 189, Est. VII, nº 41.
- Castro do Picote (Miranda do Douro): Cf. Fortes (J.), 1905-1908, p. 20, fig. 17; Cf. Höck e Coelho, 1972, p. 226, nº 7; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op. cit.*, (V. nota 2), p. 189, Est. VII, nº 45.
- Castro de S. Juzenda (Mirandela): Cf. Fortes (J.), 1905-1908, p. 20-21, fig. 18 e 21; Cf. Höck e Coelho, 1972, p. 219-250, nº 2; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op. cit.*, (V. nota 2), p. 189, Est. VII, nº 31.
- Castro de S. Luis (Pedrão, Setúbal): Cf. Ponte (Salete da), *Algumas Fíbulas do Distrito de Setúbal*, «O Arqueólogo Português», série IV, 1, 1983, p. 315-322 (p. 320), fig. 1.
- Castro de S. Ovídio (Fafe): Cf. Ponte (S. da), 1984, *op. cit.*, (V. nota 1), p. 131, fig. 27; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op. cit.*, p. 189, Est. VII, nº 13 e Est. CIV, nº 7.
- Castro de S. Salvador (Cadaval): Cf. Ponte (S. da), *Uma Coleção de Fíbulas da Estremadura*, «Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa», série III, nº 88, tomo I, Lisboa, 1982, p. 3-10 (p. 9, figs. 4-5).
- Castro da Solhapa (Duas Igrejas — Miranda do Douro): Cf. Ponte (S. da), 1984, *op. cit.*, (V. nota 1), p. 132-133, fig. 37; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op. cit.*, (V. nota 2), p. 190, Est. VII, nº 44.
- Castro de Vinhais (Vinhais): Cf. Beça (Celestino), *Antigualhas Transmontanas*, «O Archeologo Português», vol. X, Lisboa, 1905, fig. 1, A-E; Cf. Ponte (S. da), 1984, *op. cit.*, (V. nota 2), p. 132, fig. 34; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op. cit.*, p. 190, Est. VII, nº 32.
- Chibanes (Palmela): Cf. Höck e Coelho, 1972, p. 222; Cf. Ponte (S. da), 1980, *op. cit.*, (V. nota 17), p. 119.
- Citânia de Briteiros (Guimarães): Cf. Cardozo (Mário), *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*, Guimarães, 6ª ed., 1971, Est. XXXII, 1.; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op. cit.*, (V. nota 2), p. 189, Est. VII, nº 11.
- Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira): Cf. Ponte (S. da), 1984, *op. cit.*, (V. nota 1), p. 132, fig. 30; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op. cit.*, (V. nota 2), p. 189, Est. VII, nº 20 e Est. CIV, nºs 12-13.
- Citânia de Terroso (Póvoa do Varzim): Cf. Ponte (S. da), 1984, *op. cit.*, (V. nota 1), p. 131, fig. 25; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op. cit.*, (V. nota 2), p. 189, Est. VII, nº 16, e Est. CIV, nº 9.
- Conimbriga (Condeixa-a-Nova): Cf. Ponte (S. da), *Fíbulas Pré-Romanas e Romanas de Conimbriga*, «Conimbriga», vol. XII, 1973, p. 159-197, Est. II-III, nºs 5-10; Cf. Ponte (S. da), 1979, *op. cit.*, (V. nota 12), p. 115, Est. XXV, nºs 20-27.

- Distrito de Bragança: Cf. Serpa Pinto, 1931, p. 92; Cf. Höck e Coelho, 1972, p. 222, nº 3, fot. 4; Cf. Ponte (S. da), 1984, *op cit.*, (V. nota 1), p. 131, figs. 23-24; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op cit.*, (V. nota 2), p. 189, Est. VII, nº 35.
- Distrito de Chaves: Cf. Ponte (S. da), 1984, *op cit.*, (v. nota 1), p. 131, fig. 28; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op cit.*, (V. nota 2), p. 189, Est. VII, nº 25 e Est. CIV, nº 8.
- Fraga do Seixo (Estevais, Mogadouro): Cf. Fortes (J.), 1905-1908, p. 21 e 30, fig. 20; Cf. Lopo (Albino Pereira), *Estevães do Mogadouro*, «O Archeologo Português», vol. V, Lisboa, 1900, p. 249-253; Cf. Serpa Pinto, 1931, p. 91; Cf. Höck e Coelho, 1972, p. 224-225, nº 5; Cf. Ponte (S. da), 1984, *op cit.*, (V. nota 1), p. 131, fig. 26; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op cit.*, (V. nota 2), p. 189, Est. VII, nº 40.
- Herdade da Chaminé (Dist. de Portalegre): Cf. Ponte (Salette da), *Algumas peças metálicas de necrópoles romanas dos distritos de Portalegre e de Évora*, «Conimbriga», vol. XXV, 1986, p. 99-129, (ps. 115 e 118), nº 28. 9.
- Monte Mozinho (Penafiel): Cf. Almeida (C.A.F), 1977, *op cit.*, (V. nota 11), Est. I, nº 3; Cf. Ponte (S. da), 1984, *op cit.*, (V. nota 1), p. 131, fig. 29; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op cit.*, (V. nota 2), p. 189, Est. VII, nº 21 e Est. CIV, nº 10.
- Outeiro da Assenta (Óbidos): 2 exemplares inéditos existentes no M.N.A.E., respectivamente com os nºs de Inv. 13581 A e 13581 B, referidos por Ponte (S. da), 1980, *op cit.* (V. nota 17), p. 118.
- Povoado de S. Martinho (Castelo Branco): Leitão (Manuel), *Uma Fíbula tipo Transmontano do Povoado de S. Martinho. Castelo Branco* (Beira Baixa), «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XXV, fasc. 2-4, Porto, 1985, p. 407-409.
- Pragança (Cadaval): Cf. Schüle (W.), 1969, *op cit.*, (V. nota 20), Est. 111, nº 12; Cf. Ponte (S. da), 1982, figs. 3 e 6.
- Vila Chã da Barciosa (Miranda do Douro): Cf. Leite de Vasconcelos (J.), *Religiões da Lusitânia*, vol. III, Lisboa, 1913, fig. 55; Cf. Ponte (S. da), 1984, *op cit.*, (V. nota 1), p. 132, fig 32; Cf. Silva (A.C.F.), 1986, *op cit.*, (V. nota 2), p. 190. Est. VII, nº 43.



**MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS
Transmontano e Meseta:**

1. Castro de S. Juzenda, Vale de Prados, Freg. de Múrias (Mirandela); 2. Castro do Picote (Miranda do Douro); 3. Castro da Cocolha (Vimioso); 4. Paradela (Bragança); 5. Fraga do Seixo (Estevais, Mogadouro); 6. Citânia de Briteiros (Guimarães); 7. Cabeço de Vaiamonte (Monforte); 8. Outeiro da Assenta (Óbidos); 9. Castro da Serra de S. Luís (Pedrão, Setúbal); 10. Castro de Cendufe (Arcos de Valdevez); 11. Pragança (Cadaval); 12. Castelo da Lousa (Distrito de Évora); 13. Monte Mozinho (Penafiel); 14. Castelo de Castelo Branco; 15. Chibanes (Palmela); 16. Conimbriga (Condeixa-a-Nova); 17. Castro de Argozelo (Vimioso); 18. S. Salvador (Cadaval); 19. Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim); 20. Castro de Santo Ovídio (Fafe); 21. Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira); 22. Castro de Maximinos (Braga); 23. Povoados de S. Martinho (Castelo Branco); 24. Herdade da Chaminé (Freg. de Vila Fernando, distrito de Portalegre); 25. Castro de Fiães (Vila da Feira); 26. Vila Chã da Barciosa (Miranda do Douro); 27. Castro da Estrada (Macedo de Cavaleiros); 28. Castro de Vinhais (Vinhais); 29. Castro da Aldeia Nova (Miranda do Douro); 30. Castro da Solhapa (Duas Igrejas — Miranda do Douro).